



MOBILIZAÇÃO SOCIAL E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL: UMA ANÁLISE SOBRE O MOVIMENTO EM DEFESA DO ABAETÉ EM 2020

Joseane Figueredo Rosa¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo mostrar a mobilização socioambiental dos moradores de Itapuã durante o período de pandemia do novo coronavírus contra a construção de uma Estação Elevatória de Esgoto às margens da Lagoa do Abaeté. Acredita-se que a formação de um pertencimento local capaz de mover os entes da localidade são resultados das tradições vinculadas aos aspectos ambientais, culturais e religiosos do bairro que é fonte de um simbolismo histórico que perpassa pela transformação da Vila de Pescadores em bairro turístico.

Palavras-chave: Meio Ambiente, Mobilização Social, Itapuã, Lagoa do Abaeté.

INTRODUÇÃO

O crescimento urbano e a expansão imobiliária devem ser planejados de modo a diminuir grandes impactos no espaço, principalmente no ambiente e nas comunidades tradicionais, religiosas e culturais que vivem na área que será modificada. A não observância das leis de proteção ambiental ou a falta de diálogos com as comunidades que serão atingidas pelas obras de transformação podem gerar, por exemplo, a diminuição das áreas de preservação e assoreamento de rios e lagos, além de impactos devastadores no modo de

¹ Bacharel em comunicação com habilitação em Jornalismo e estudante da Licenciatura em Geografia do IFBA. Obs. Orientação do prof. Dr. Severiano José dos Santos Júnior.

subsistência de certas comunidades e nas tradições do local.

A falta de uma consulta prévia do poder público à população atingida por transformações nos espaços considerados como culturais e sagrados muitas vezes gera grande inquietação entre os moradores. Estes, ao observar que suas vozes não foram ouvidas, acabam por promover atos simbólicos e movimentos contra as políticas empregadas. Um exemplo disso são as manifestações contra as obras da Estação Elevatória de Esgoto (EEE) realizadas no ano de 2020 na Lagoa do Abaeté, localizada no bairro de Itapuã, em Salvador.

A lagoa de encantos e mistérios foi cantada por diversos poetas e é revestida de valor simbólico para os moradores do bairro que ajudam a manter vivas tradições e histórias na memória afetiva do lugar. A simbologia de Itapuã foi desenvolvida ao longo dos anos e boa parte dela nasceu dos encantos e lendas relacionadas a tal lagoa. Atualmente existem próximas à área diversas comunidades culturais, religiosas e ambientais, formadas por moradores que utilizam esses espaços como lugares sagrados, o que contribui para desenvolver um sentimento de pertencimento com o local.

Entretanto, desde as três últimas décadas do século passado, os processos de modernização e expansão da Região Metropolitana de Salvador têm prejudicado a lagoa, a área das dunas e as atividades religiosas e culturais do local. A última tentativa de modificação no espaço foi apresentada pela construção de uma Estação Elevatória de Esgoto (EEE) na Zona de Proteção Visual do Parque Metropolitano do Abaeté. Isto tem gerado grandes questionamentos por parte dos moradores e dos grupos e associações do local, culminando na organização de ações em defesa da lagoa e mobilizações durante o período de quarentena causado pela Pandemia da Covid-19.

Esse trabalho tem como objetivo apresentar alguns aspectos históricos do bairro de Itapuã e da Lagoa do Abaeté, explicar as relações de interesse econômico e turístico que surgiram em torno do espaço, mostrar como ocorreu a construção de identidade com o local, o legado histórico do bairro e as tradições culturais preservadas pelos moradores mais antigos. Tais tópicos vão ajudar a entender como a formação de identidade e pertencimento que os habitantes de Itapuã têm com o bairro vem contribuindo para a formação de movimentos políticos e populares que buscam preservação e diminuição dos impactos ambientais desses lugares.

ITAPUÃ EM HISTÓRIA

A história de Itapuã se inicia muito antes dos grandes poetas Vinícius de Moraes e

Dorival Caymmi cantarem as belezas deste local para o mundo. Os primeiros habitantes da localidade foram os índios, principalmente os de vocábulo de origem tupi-guarani². A partir de 1500, com a vinda dos portugueses ao território brasileiro e o estabelecimento das capitânicas-hereditárias, Itapuã tornou-se parte da Fazenda de Garcia d'Ávila. O local onde veio abrigar o futuro bairro passou a sofrer o processo de embranquecimento, virando uma localidade ocupada por descendentes de portugueses, índios e africanos escravizados.

Isolada do centro econômico da cidade, a população sobrevivia da pesca e da comercialização de peixes que eram vendidos nas áreas centrais de Salvador. No século XVII, a pesca de baleia foi autorizada pela Coroa e segundo Matterdi (2001), essa atividade tinha como finalidade a extração do óleo tanto para exportação quanto para o abastecimento e iluminação de Salvador.

Após vários anos de exploração da caça às baleias, Itapuã virou uma vila de pescadores que, para Oliveira (2009), era relativamente autônoma. A pequena autonomia conquistada com o comércio do óleo de baleia e o afastamento do centro da cidade permitiu o fortalecimento das interações e das tradições da comunidade e de uma estreita relação com o meio ambiente. Por volta de 1625, a população ajudou a construir a pequena capela de palha para Nossa Senhora da Conceição de Itapuã, a qual em 1646 foi reformada em alvenaria.

Portadora de uma “vida marítima” caracterizada "nos termos de uma vida social arcaica" (RISÉRIO, 1993), a Itapuã daqueles tempos era uma comunidade de pescadores, descendentes de negros e índios, ecologicamente ajustados numa estreita relação com o seu entorno de mar, areia, coqueiros, dunas e restingas, de onde extraíam os recursos para a subsistência. (OLIVEIRA, 2009, p. 74)

Entre os anos de 1940 e 1970, a cidade de Salvador passou por um intenso processo de urbanização que atingiu diretamente o bairro de Itapuã. Uma das principais mudanças foi a construção do Aeroporto Internacional e de estradas que interligaram a área central da cidade a este equipamento, como a Avenida Oceânica (MAIA, 2010; TEIXEIRA, 1999). Na cultura, as músicas de Vinícius de Moraes e Dorival Caymmi deram destaque por muitos anos ao bairro que passou a ser reconhecido como um lugar bucólico, cheio de encantos e que atraía visitantes de todo Brasil.

O bairro observou o número de habitantes crescer entre os anos de 1970 e 1980.

Isso ocorreu devido ao aumento de pontos comerciais que atraíam pessoas para Itapuã

² O nome do bairro, Itapuã, tem origem tupi-guarani e significa “pedra que ronca”, uma referência ao barulho produzido pelo movimento da maré que batia nas rochas marinhas das praias da localidade.

em busca de emprego e melhores condições de moradia. A localidade passou a fazer parte da zona urbana de Salvador, com a instalação de esgotamento sanitário, luz elétrica, posto médico e escolas.

A urbanização por qual passava a cidade, a instalação de imigrantes no bairro que vinham para trabalhar nos polos industriais de Camaçari e os investimentos públicos com o objetivo de tornar o bairro um centro turístico contribuíram para o processo de explosão habitacional em Itapuã. Foram surgindo assentamentos em áreas próximas à Lagoa do Abaeté, como a comunidade denominada Nova Brasília.

É importante frisar que o bairro de Itapuã foi urbanizado tanto pelo interesse do poder público, como também, dos próprios moradores. Desde o início dessa urbanização percebe-se que estes procuraram manter seus vínculos comunitários, característicos do rural, e uma prova disso são as ações e organizações feitas em prol da comunidade, resultando inclusive na associação de moradores de Itapuã. Além disso, as próprias manifestações da cultura popular local podem ser citadas. (MAIA, 2010, p. 13).

Alguns grupos culturais surgidos nessa época nasceram com o objetivo de resgatar os valores tradicionais dos moradores e fortalecer os laços comunitários. Entre os movimentos iniciados nesse período estão o Malê de Balê, grupo que reconta a revolta dos escravos de 1835; a Festa da Baleia, criada em 1987 e que protesta contra a pesca predatória da baleia; As Ganhadeiras de Itapuã, grupo que conta a história do bairro através de canções e outras associações.

A história de Itapuã mostra que mesmo com o processo de urbanização, o crescimento demográfico e o comércio que transformaram a antiga vila em um local de lazer e turismo, os seus moradores, principalmente os mais antigos, continuam ligados ao local de forma tão significativa que permitiu a criação de uma rede de grupos culturais e associações dedicados a preservar os valores tradicionais e os locais mais simbólicos para eles. Esta construção de identidade e comunidade pode ser observada ainda hoje com a preservação desses grupos culturais, ambientais e sociais focados no desenvolvimento do bairro e na luta para a preservação de áreas ambientais que hoje são relegadas ao descaso pelo poder público. Desta forma, a riqueza do bairro não se atém apenas às belezas naturais, mas também às questões sociais.

É essencial então, dado o significativo valor simbólico atribuído pelos moradores ao bairro, analisar estes movimentos para entender como essas expressões culturais contribuem na preservação do simbólico e do meio ambiente.

A LAGOA DO ABAETÉ

Cantada por Dorival Caymmi, berço das Ganhadeiras de Itapuã e do Malê Debalê; a Lagoa do Abaeté fica localizada na Zona de Proteção Visual do Abaeté e faz parte da Área de Preservação Ambiental das Lagoas e Dunas do Abaeté, que abrange o Parque Metropolitano, no bairro de Itapuã, além do Parque de Dunas e a Lagoa do Flamengo. Criada pelo decreto estadual nº 351 de 22 de setembro de 1987, a APA foi novamente delimitada em 1993, criando a Zona de Preservação Permanente (ZPP) e a Zona de Ocupação Controlada (ZOC).

A Lagoa do Abaeté é considerada por muitos pesquisadores e pela comunidade do bairro de Itapuã como um lugar de cultura e contato com a natureza, onde ocorrem atividades religiosas, de lazer e de subsistência.

Não é por acaso que existem uma série de estórias que envolve sobretudo o pescador e a lavadeira, mas, que na realidade, representam uma maneira de conceber ou compreender a realidade. Demonstrem o modo como as pessoas se relacionam com a natureza, desta forma, o próprio nome Abaeté explicita isso, ou seja, significa terrível, disforme, espantoso e pavor. Contam os antigos, que o Abaeté surgiu porque existia um índio belo e forte, noivo de uma jovem mulher. Quando se banhava na lagoa, despertava a paixão da mãe-d'água, que, ao saber do seu casamento, arrastou-o para o fundo das águas durante uma destas ocasiões. O corpo nunca foi encontrado. A noiva, após o desaparecimento, principalmente em noites de luar, sentava-se à beira da lagoa para chorar sua perda. Segundo uma das versões para esta lenda, teria sido a própria mãe- d'água que transformou o vestido e a grinalda da noiva nas dunas que contornam a lagoa. Verificamos que além dessas estórias as notícias de morte por afogamentos eram frequentes, fato este que estimulava o pavor das pessoas com relação à lagoa (TEIXEIRA, 1999, p. 14).

Segundo Oliveira (2009, p. 79), as dunas em torno da Lagoa do Abaeté eram reservadas para a realização de rituais simbólicos em "(...) um universo animado por tradições há muito enraizadas". Esta relação com o subjetivo e com o simbólico se transformou ao longo dos tempos em uma relação de identidade e pertencimento que para Silva (1993) está ligada ao sagrado, ao poético e ao ecologismo. Estes sentimentos permanecem até os dias de hoje e podem ser observados quando grupos e movimentos localizados em Itapuã se mobilizam com o objetivo de valorizar a cultura do bairro e para lutar em defesa da preservação de espaços considerados sagrados, como no caso da Lagoa do Abaeté.

O TURISMO, O ESTADO E O ABAETÉ

O turismo começou a se estabelecer como um dos elementos da economia de

Salvador a partir da década de 1970. Isso fez com que muitas áreas consideradas de lazer e cultura dos bairros da cidade passassem por um processo de modernização. Na Lagoa do Abaeté não foi diferente. Ela se tornou referência em belezas naturais e que "(...) sintetiza e simboliza o processo de inserção do patrimônio local no mercado turístico globalizado." (OLIVEIRA, 2009, p. 10).

É neste contexto que surgem os primeiros movimentos sociais em defesa do Abaeté, nos anos de 1980. Ao perceber que pouco se tinha feito em relação a ocupação desordenada do recentemente criado Parque Metropolitano das Lagoas e Dunas do Abaeté (decreto criado em 1980), a população juntamente com os movimentos sociais e ambientalistas passou a pressionar o Estado para que se efetivasse políticas públicas para o espaço. A pressão resultou na delimitação, em 1985, da área abrangida pelo parque e definição de formas de uso e ocupação do solo do entorno do Abaeté (Oliveira, 2009). A partir de então diversos decretos e lei passaram a ser criados com o objetivo de delimitar e organizar a área do Abaeté, incluindo a criação da APA das Lagoas e Dunas do Abaeté.

Nos anos seguintes, diversas empresas ligadas ao lazer passaram a investir em construção de espaços de comércio e serviços em Itapuã e nas áreas próximas à Lagoa do Abaeté. Essas transformações locais tiveram o aval dos órgãos da prefeitura, mas sem realizar um diálogo aberto com a comunidade do entorno.

Após um conjunto de ações de revitalização e ordenamento do uso do solo, as obras de urbanização do Parque Metropolitano do Abaeté são inauguradas em 1993. Para se adequar ao turismo global, o Abaeté recebeu diversos equipamentos modernos considerados necessários para a recepção dos visitantes, tendo em vista nova abordagem mercadológica de lazer ecológico. A área passou a ser constituída por um Centro de Atividades formado por lanchonetes, lojas de artesanato, restaurantes, quiosques, pela "Casa das Lavadeiras ('uma iniciativa para evitar a poluição da água') e a Casa da Música." (OLIVEIRA, 2009, p. 85). Além disso, toda uma infraestrutura de transportes também foi criada para permitir o acesso ao Parque. Mas, as mudanças também apresentavam um lado negativo, pois mascaravam diversos problemas existentes na localidade.

Assim, de maneira melancólica e gradual, percebemos que as imagens reais da Lagoa do Abaeté vão deixando de corresponder às suas imagens ancoradas histórica, social e culturalmente, enquanto são negados, escamoteados e não resolvidos os problemas efetivos que o lugar enfrenta: violência urbana, perda da biodiversidade, redução no nível de água da lagoa, contaminação do lençol freático, desmatamento, extração da flora endêmica, extração de areia, impermeabilização crescente do solo no entorno ou invasões urbanas no perímetro da APA (OLIVEIRA, 2009, p. 95)

Silva (1993) explica que a defesa ambiental na cidade de Salvador pode ser analisada a partir de três fatores que são:

- i. o político (a produção social da cidade frente ao processo de modernização conduzido pelo poder público), b) o cotidiano (as paixões da identidade, as formas de apropriação de um território, as referências de cultura, a noção de memória coletiva) e, c) o ecológico (pensar as bases do progresso tanto a nível global - a degradação da biosfera - quanto a nível local - a alteração dos ecossistemas e do meio ambiente urbano frente ao ordenamento do solo) (SILVA, 1993, p. 13).

Partindo dessa lógica, o autor considera que o "apelo de natureza cultural" torna Itapuã uma área de preservação onde os aspectos ecológicos e as relações simbólicas e das tradições fazem reviver os aspectos do passado, consolidando a "identidade cultural baiana". Desta forma, preservar o Abaeté torna-se uma responsabilidade dos administradores públicos, não somente das associações de bairros. Mas, o que se percebe é que quando há interesse de intervenção pública os governantes passam por cima das representações dos bairros e iniciam transformações nos espaços simbólicos sem ouvir o que a comunidade local tem a dizer³.

Ao examinar a atual estruturação do Parque Metropolitano do Abaeté percebemos que ela é resultado das manifestações realizadas em 1983 em defesa do Abaeté e que cobrava dos governos ações para ordenar e limitar o uso do solo da região e inibir um processo de transformação mais profunda que resultasse na modificação das relações tradicionais e cotidianas que se estabeleciam na lagoa. Ao deparar-se com tais movimentos, que contavam com apoio de intelectuais, artistas e da mídia, o poder público passou a se mobilizar e transformou a área em um ponto comercial com o objetivo de atrair turistas.

Os pontos colocados mostram que o Estado, mesmo quando responde às inquietações dos movimentos sociais e ambientalistas somente o faz após manifestações passarem a ser divulgadas pela mídia e repercutidas por personalidades. Mesmo assim acabam servindo mais aos interesses econômicos do que às necessidades dos movimentos sociais, como foi o caso das manifestações realizadas em 1983 e das que começaram a ser realizadas em abril de 2020, como veremos mais adiante.

ABAETÉ: O ECOLÓGICO E O SIMBÓLICO

A relação entre o ecológico e o simbólico está presente em Itapuã desde o período em que a área era habitada apenas por índios de origem Tupi. Esta conexão pode ser

3 Como se observa, por exemplo, em comentários dos moradores no documentário de Carlos Pronzato - A Lagoa Escura, em defesa do Abaeté, de 2020.

observada na designação das rochas de origem marinha localizadas no bairro. Itapuã, por exemplo, é uma palavra de origem Tupi que significa “pedra de ponta”, ou, popularmente, “pedra que ronca”, segundo o site ItapuãCity (2014). Outra rocha importante para o lugar é Piraboca (também Tupi e que significa peixe duro e resistente), na qual está construída o Farol de Itapuã.

O vínculo com a natureza também está entrelaçado com os modos de vida que caracterizaram o local após o processo de ocupação do Brasil, no qual a Vila de pescadores passou a ser habitada por descendentes de negros e índios. Desenvolvida em torno da Igreja e perto da praia, seus habitantes resguardaram as dunas do entorno da Lagoa para a realização de rituais simbólicos. "(...) Era um universo animado por tradições há muito enraizadas aí, habitadas por deuses e heróis míticos afro-ameríndios e, volta e meia, ancestrais portugueses, que impregnava as relações, os sítios e as paisagens de sentidos socialmente construídos." (OLIVEIRA, 2009, p. 75).

Essas ligações entre o simbólico e a natureza são testemunhadas através das lendas e mistérios criados em torno do local.

Uma delas fala do índio Abaeté, muito faceiro, que estava enamorado de uma linda jovem índia. Esse índio costumava se banhar na lagoa, e despertou a paixão da Mãe d'Água, que não conformada com a união deste com a jovem índia, arrastou-o para o fundo da lagoa. A jovem índia, inconformada, sempre ia à lagoa chorar a perda do seu amado, inclusive nas noites de lua cheia (LUZ, 2012, p.144).

Além disso, as reverências, comidas e presentes deixados à Oxum na Lagoa do Abaeté mostram como a organização social da comunidade de Itapuã tem como base “os valores sagrados da tradição” e a religião de matriz africana (LUZ, 2012). Para Oliveira (2009), o apreço à natureza foi inspirado pelo candomblé e:

(...) traduzia-se no carinho respeitoso aos elementos e às forças cíclicas da natureza, o vento, o raio, a chuva, fontes, rios, cachoeiras e lagoas, águas doces e salgadas, plantas e animais. Respeito evidenciado, por exemplo, na relação dos pescadores de Itapuã com o mar e sua complexidade biológica - ou na sacralização de árvores, pedras, fontes e lugares dotados de significado especial, como a Lagoa do Abaeté, e a Pedra de São Tomé em Itapuã (OLIVEIRA, 2009, p. 76).

Essas representações simbólicas eram encontradas não somente nos rituais que se estabelecem na lagoa, elas também estão presentes no cotidiano do Abaeté através das atividades exercidas pelas lavadeiras que até os anos de 1990 tinham a lavagem de roupa às margens da lagoa como a principal atividade econômica e forma de sustento. Segundo Rosa (2014), era durante a lavagem de roupas que essas mulheres cantavam e relembavam história do bairro o que permitiu transmitir as tradições e histórias do bairro.

Com as alterações realizadas com o objetivo de modernizar o lugar e transformá-lo em área atrativa para o turismo, as lavadeiras acabaram por deixar de realizar suas atividades nas areias da lagoa. As manifestações culturais, contudo, não deixaram de existir.

As mulheres continuam agentes ativas no desenvolvimento dos movimentos culturais. Elas participam da organização de diversos festejos, como a lavagem de Itapuã, da festa para Nossa Senhora da Conceição da Praia de Itapuã e de grupos como as “Ganhadeiras de Itapuã” (ROSA, 2020, p. 05).

As antigas lavadeiras são representadas hoje pelo grupo musical As Ganhadeiras de Itapuã, que cantam músicas sobre o bairro e ajudam a passar para os descendentes um sentimento de identidade ligado ao bairro. Em 2015, o grupo musical ganhou destaque ao receber dois troféus no Prêmio da Música Brasileira, na categoria Melhor Álbum e Melhor Grupo Regional. Em 2020 foi tema do carnaval da escola Viradouro do Rio de Janeiro, que venceu o desfile.

Outro grupo referência do bairro é a Associação Carnavalesca Malê Debalê. Fundado em 1979, o nome do grupo é uma referência aos povos malês⁴ que foram responsáveis pelas revoltas malês que ocorreram no Brasil de 1814 até 1835. Um dos mais tradicionais blocos afros da Bahia, o Malê é responsável por perpetuar as histórias e tradições de Itapuã e promove cursos de teatro, percussão, cidadania e herança africana em sua sede, localizada próxima à Lagoa.

O Malê Debalê e as Ganhadeiras de Itapuã são exemplos de importantes representantes do bairro e que ajudam a levar a história de Itapuã para o país e para o mundo. Ao se apresentar em desfiles de carnavais, essas manifestações reivindicam a participação da história do bairro na história do Brasil e levantam questões importantes não somente para o bairro, mas para toda a Bahia, como o convívio com a natureza⁵ e a herança africana no país.

MOVIMENTOS EM DEFESA DA LAGOA

A famosa "lagoa escura arrodada de areia branca"⁶ que tanto encantava por suas

4 De origem islâmica, os africanos escravizados no Brasil criaram diversos quilombos em Itapuã, sendo o quilombo “Buraco do Tatu” um dos mais conhecidos.

5 As músicas das Ganhadeiras de Itapuã falam sobre a convivência dos nativos com o mar, sobre o conhecimento aprendido no cotidiano, como períodos de cheia das águas do mar e conhecimentos sobre a flora e fauna.

6 Trecho da música “A Lenda do Abaeté” de Dorival Caymmi.

belezas naturais, não atraem mais visitantes. Hoje ela está entregue ao abandono dos setores públicos e à violência. “(...) Calçadas de pedras portuguesas danificadas, escadas quebradas e sujeira na parte externa do centro comercial são comuns para quem se arrisca a passear pelo local” (ANJOS, 2014). Segundo o site de notícias Itapuã City, os assaltos frequentes e a falta de infraestrutura foram os responsáveis por fazer diminuir o interesse dos turistas em passar pela localidade.

Apesar do abandono do Estado, a lagoa ainda é muito visitada pela comunidade do entorno, grupos religiosos para a realização de oferendas, jovens que praticam capoeira e moradores que enchem nos fins de semana de verão o Parque Metropolitano para tomar banho nas águas da lagoa.

O fato de estar encravada no espaço urbano, sem zonas de amortização dos impactos gerados principalmente pelo crescimento demográfico, representa um aspecto complicador para a sua preservação, a que se soma a cobiça do mercado imobiliário - como atestam os loteamentos dispersos sobre as dunas. No entanto, o sítio da Lagoa do Abaeté resiste porque desempenha papel fundamental na formação da identidade local (Oliveira, 2009, p. 86).

É de se considerar que a ação desses grupos tem permitido não somente a consolidação da noção de pertencimento com o bairro de Itapuã, mas também contribuído para gerar articulação entre os moradores quando é necessário. Isso pôde ser observado, por exemplo, na mobilização política realizada em 2020 para impedir a construção de uma estação de tratamento de esgoto.

Mesmo diante da necessidade de realizar um distanciamento devido aos transtornos causados pela Covid-19, um grupo formado pelas antigas lavadeiras, pescadores e representantes de grupos religiosos se reuniram no dia 25 de maio para protestar contra a construção da estação elevatória de esgoto perto da Lagoa do Abaeté. Em entrevista ao portal do G1 da Globo, os moradores argumentaram que “(...) o lugar onde está sendo construída a estação de esgoto, que faz parte da área de Proteção Ambiental Lagoas e Dunas do Abaeté, é considerada zona de proteção visual, onde não se admite qualquer tipo de construção” (G1, 2020).

Em carta assinada por diversas organizações de Itapuã (2020) e endereçada ao Governador do Estado da Bahia, Rui Costa, os moradores expressam a preocupação com os danos e degradação que a construção poderá causar na APA:

Desde maio de 2020 o ABAETÉ está sendo agredido pela construção, às margens da Lagoa, de uma Estação Elevatória de Esgoto pela CONDER, avaliada em R\$ 298 mil, cujo projeto consta de uma estrutura de cimento de 245,26m² com muro de 2,10m de altura, encimado por espiral de arame, que desrespeita o zoneamento

da APA. Grande área de Mata Atlântica já foi desmatada, contrariamente à legislação, com anuência do INEMA, apesar das críticas de ambientalistas e especialistas na área. Além da poluição visual, mau cheiro, barulho constante e necessidade de gastos com manutenção, estações desse tipo possuem histórico de extravasamento de esgoto, o que pode causar um terrível dano ambiental. Além disso, o Conselho Gestor da APA, que deveria ter precedência nessa decisão, não foi consultado (Organizações de Itapua..., 2020 apud A Tarde, 2020).

Após vários dias de protestos, replantio de espécies vegetais na área da construção e caminhas que contaram com a participação de diversos movimentos sociais, religiosos, ambientalistas e culturais, a obra foi paralisada por falta de licença de construção no dia 5 de junho, coincidentemente no dia Mundial do Meio Ambiente. Entretanto, dois meses depois da interrupção, a execução da construção da estação elevatória de esgoto foi autorizada pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo (SEDUR).

Para intermediar as discussões sobre a construção da estação elevatória de esgoto às margens da Lagoa do Abaeté e os danos que esta poderia causar ao meio ambiente, foi convocada uma audiência pública que estava marcada para acontecer no dia 4 de setembro de 2020, mas devido a ataques cibernéticos a audiência foi interrompida. Outra audiência foi marcada para o dia 25 de setembro e entre as decisões tomadas está criação de comissão formada pela Ouvidoria da DPE, Defensoria Pública da União e integrantes de grupos da sociedade civil interessados no tema. A proposta é formar um centro de diálogo com os órgãos envolvidos com a obra que são a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (Conder), a Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa), o Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema) e a Caixa Econômica Federal, financiadora da construção.

Como parte das manifestações contra a obra, uma alternativa de solução encontrada pelos moradores, movimentos sociais, lideranças religiosas, antigas lavadeiras e ambientalistas do bairro foi solicitar o tombamento do Abaeté como Patrimônio Histórico e Cultural Material e Imaterial da Humanidade no dia 17 de agosto que foi protocolado no começo de outubro. O ato, iniciado pela comunidade de Itapuã, apesar de não impedir a construção da EEE dificulta a realização da obra, pois é necessária autorização dos órgãos responsáveis pelo patrimônio o que permitiria maior prazo para discussões sobre outras alternativas entre os representantes. Tais movimentos mostram o envolvimento e o respeito que grupos de moradores do bairro têm com o simbolismo da lagoa, berço de diversas memórias, representatividades e com a preservação ambiental da APA.

É interessante notar que as entidades governamentais responsáveis pelo

gerenciamento dos recursos hídricos e ambientais, como o Inema e a Embasa, somente se movimentaram para debater com a sociedade civil os impactos da construção da estação elevatória de esgoto quando a própria comunidade se mobilizou para impedir a construção, ganhando repercussão em noticiário do estado. Além disso, segundo comentário dos moradores no documentário de Carlos Pronzato (2020), não houve consulta pública nem debate com representações do bairro e nenhum tipo de diálogo onde fossem observadas as opiniões, preocupações e sugestões da comunidade que tem a Lagoa como um espaço sagrado, fonte de renda e de cultura. Neste caso, o próprio Estado atua de forma irregular e ilegal já que a Consulta Pública é prevista pela Constituição Federal e funciona como instrumento da Gestão Ambiental Participativa.

O que se percebe é que os movimentos sociais, as entidades religiosas e moradores de Itapuã é que estão dispostos a fazer o máximo possível para preservar o leito da famosa lagoa que está no imaginário não somente da população local, mas também de poetas e grupos culturais do bairro. Essa luta foi ativada com a percepção da comunidade de que a intervenção proposta iria não somente prejudicar o ecossistema da APA, mas também toda a estrutura simbólica que envolve a Lagoa do Abaeté, espaço cultural, religioso e de recreação da população de Itapuã.

Em outro ato realizado no dia 27 de setembro de 2020, diversas lideranças religiosas, culturais e pescadores realizaram uma caminhada em defesa da Lagoa. Vestidos de branco e respeitando as recomendações das entidades de saúde para evitar a contaminação pela Covid-19, os manifestantes realizaram um ebó para Exu e ritual para uma árvore sagrada no candomblé que fica próxima à Lagoa do Abaeté.

CONCLUSÃO

Assim como diz Oliveira (2009) sobre as intervenções arquitetônico-urbanísticas, acreditamos que a construção de novos equipamentos, principalmente daqueles que podem impactar diretamente o meio ambiente, deve levar em conta as identidades culturais, as percepções dos moradores do local e de integrantes de grupos religiosos que utilizam desses espaços e os colocam sentidos místicos diversos, pois é a presença das tradições, do simbólico e do sagrado e que se manifesta em identidade coletiva que ajuda a construir um sentido de preservação do lugar.

Como percebemos, é possível observar em Itapuã uma construção simbólica e de pertencimento com o local entre os moradores dos bairros. Tais aspectos manifestam-se na

forma como os habitantes se relacionam com a natureza e com o compromisso que empreendem na organização de grupos culturais para a valorização do lugar, no respeito às tradições místicas da lagoa e nas manifestações que historicamente têm travado no intuito de preservar áreas naturais próximas da Lagoa do Abaeté. Esse vínculo vem contribuindo para que a população crie grupos e movimentos sociais que estão atentos às modificações dos espaços em que atuam e que lutam quando alguma interferência possa colocar o meio ambiente e suas áreas de lazer e cultura em risco.

Foram essas noções de identidade e pertencimento com o lugar que permitiram a mobilização dos moradores em abril de 2020, durante a pandemia da Covid-19, para barrar a construção da estação elevatória de esgoto próximo a Lagoa do Abaeté. Tal ato – juntamente com as que realizaram em seguida, como o pedido de tombamento do Parque Metropolitano do Abaeté, plantio de árvores em local que estava marcado para a construção da estação elevatória e realização de ritual em torno de árvores sagrada – levaram o poder público a criar uma rede de diálogo para discutir e acompanhar as obras.

Essa mudança de articulação do Estado pode ser considerada uma pequena vitória para a comunidade de Itapuã em busca de preservar a Lagoa, mas muito ainda deve ser feito para que a voz desses grupos culturais, ambientais e religiosos seja ouvida. Nesse sentido, é preciso observar que as identidades com o lugar têm contribuído para a preservação das tradições do bairro de Itapuã e para a preservação de espaços naturais simbólicos para a comunidade.

REFERÊNCIAS

ARTIGOS DE PERIÓDICOS

LOBATO, Lúcia Fernandes. **Malê Debalê: uma origem, uma tribo, uma festa**. Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2020>. Acesso em: 08 out. 2020.

MAIA, Débora Matos. **A História do Bairro/Comunidade de Itapuã na cidade de Salvador-Ba**. Fórum Nacional de Crítica Cultural: Educação básica e cultura: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos. Nov. 2010. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/67190886-A-historia-do-bairro-comunidade-de-itapua-na-cidade-de-salvador-ba.html> > Acesso em: 28, set, 2020.

MATTEDI, Maria Raquel Mattoso. **Pesquisa e planejamento Ambiental no Litoral Norte da Bahia**. Revista Unifacs, Vol. 1, Nº 3. 2001. Disponível em <https://revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/view/147/149> > Acesso em: 28, set, 2020.

ROSA, Joseane Figueredo. Ganhadeiras de Itapuã: formação cultural de crianças e adolescentes. In: **Anais do X Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**.

Salvador, 2014. v. 1. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult/anais/edicao-atual-x-enecult/>. Acesso em: 09 set. 2020.

SILVA, Paulo Rogério Guimarães da. Guimarães da. **Identidade, Territorialidade e Ecologismo: o caso da lagoa do Abaeté**, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2122>. Acesso em: 02 out. 2020.

TEIXEIRA, Sidélia Santos. **Museus e Preservação Patrimonial. A Lagoa Escura da Memória: o Abaeté no imaginário dos moradores do bairro de Itapuã**. Disponível em: <https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/3786>. Acesso em: 09 set. 2020.

DOCUMENTÁRIO

A Lagoa Escura, em defesa do Abaeté. Direção de Carlos Pronzato. Realização de La Mestiza Audiovisual. Salvador: Carlos Pronzato, 2020. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QSV8WU5yO5k>. Acesso em: 17 nov. 2020.

HOMEPAGE

ANJOS, Itailuan. **Lagoa de Abaeté é abandonada e está sendo engolida pela areia das dunas**. 2014. Disponível em: <http://www.itapuacity.com.br/lagoa-de-abaete-e-abandonada-e-esta-sendo-engolida-pela-areia-das-dunas/>. Acesso em: 09 out. 2020.

A Tarde. **Defensoria Pública forma comissão para acompanhar obras na Lagoa do Abaeté**. A Tarde. 2020. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2139948-defensoria-publica-forma-comissao-para-acompanhar-obras-na-lagoa-do-abaete>. Acesso em: 09 out. 2020.

G1 BA. **Lideranças religiosas e populares fazem ato em defesa da Lagoa do Abaeté, em Salvador**. G1. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/09/27/liderancas-religiosas-e-populares-fazem-ato-em-defesa-da-lagoa-do-abaete-em-salvador.ghtml>. G1 BA. Acesso em: 09 out. 2020.

A Tarde. **Moradores de Itapuã protestam pela sexta vez contra obras na Lagoa do Abaeté**. A Tarde. Salvador, ago. 2020. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/2137284-moradores-de-itapua-protestam-pela-sexta-vez-contra-obras-na-lagoa-do-abaete>. Acesso em: 10 set. 2020.

G1 BA. **Moradores do Bairro de Itapuã fazem protesto contra construção de estação de esgoto perto da Lagoa do Abaeté**. G1. Salvador, 25 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/05/25/moradores-do-bairro-de-itapua-fazem-protesto-contra-construcao-de-estacao-de-esgoto-perto-da-lagoa-do-abaete.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2020.

Você sabia que as pedras em Itapuã têm nomes próprios? Itapuã City. 2014. Disponível em: <http://www.itapuacity.com.br/voce-sabia-que-as-pedras-em-itapua-tem-nomes-proprios/>. Acesso em: 07 out. 2020.

LEIS

BRASIL. **Lei 9.784**, de 29 de janeiro de 1999. Lei do Processo Administrativo Brasileiro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19784.htm. Acesso em: 07 de janeiro de 2021.

LIVROS

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Itapuã da ancestralidade africano-brasileira**. Salvador: Edufba, 2012. 265 p.

SANTOS, Elisabete; PINHO, José Antonio Gomes de; MORAES, Luiz Roberto Santos; FISCHER, Tânia (org.). **O Caminho das Águas em Salvador: bacias hidrográficas, bairros e fontes**. Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes. Salvador: Ciags/ufba, 2010. 245 p. Disponível em: <http://www.meioambiente.ba.gov.br/arquivos/File/Publicacoes/Livros/caminhodasaguas.pdf>. Acesso em: 08 agos. 2020.

MONOGRAFIA

OLIVEIRA, Orlando J. R. de. **Turismo, Cultura e Meio Ambiente**: estudo de caso da lagoa do Abaeté em Salvador - Bahia. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento Sustentável, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília-Df, 2009.